

*Cadeira n. 10: Claudio Manuel da Costa
Diario de Minas. 2. 9. 1956*

BRANT HORTA — Fundador da cadeira n. 10 e atual ocupante. Francisco Eugênio Brant Horta nasceu em 13 de novembro de 1877 em Juiz de Fora. Estudou em Ouro Preto, completando o curso de humanidades em outros cursos. Fixando-se por algum tempo no Rio de Janeiro, frequentou o Instituto de Musica. Regressando a Minas dedicou-se ao magistério, primeiramente em Mar de Espanha e depois em Juiz de Fora. Jornalista frequentou as colunas de vários jornais mineiros, tendo fundado com Luis de Oliveira, em Juiz de Fora, a "Semana Comercial". Redigiu por algum tempo "O Paládio", na mesma cidade. Produtor elegante firmou numerosas crônicas, que se acham esparsas pelas revistas e jornais, quer de Minas, quer fora do Estado. Poeta de rara sensibilidade, publicou "Lyra Carmen", "Cartões Postais", "Harpa Eólia", "Manfredo", "O Livro de Jesus", e o drama "As Duas Teslas". Após longos anos de residência em Minas transferiu-se para o Rio de Janeiro, dedicando-se sempre ao magistério e exercendo altas funções administrativas federais. Alcançando justa e merecida aposentadoria, dedica-se ainda às letras, muito embora se encontre enfêrmo, prejudicado nos órgãos visuais. Sua



Brant Horta

bagagem inédita é copiosa. Foi um dos fundadores da Academia, participando do primitivo grupo dos Doze. Pertenceu à primeira diretoria da Academia nas funções de secretário auxiliar, sempre reeleito até à transferência da instituição para Belo Horizonte. Homem profundamente discreto, trabalhador infatigável, lutador intemerato, é, na atualidade, o único sobrevivente do primitivo "cenáculo" da Academia, que se compunha, como foi dito, de doze acadêmicos fundadores. Pertenceu, também, à primitiva comissão de Bibliografia, que, com a reforma dos estatutos, desapareceu.
(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)

ACADEMIA MINEIRA

DE LETRAS

Gravado de Murtas, 22-7-1956

Cadeira n. 8 — Patrono

BATISTA MARTINS

BATISTA MARTINS — Nasceu João Batista Martins em Leopólis, do Estado da Bahia em 14 de setembro de 1868 e faleceu em Carangola no dia 14 de maio de 1906. Veio em plena infância para Minas, fixando-se com seus pais em Murtas, aí estudando as

primeiras letras. Foi para Ouro Preto, onde concluiu o curso secundário.

Rumou para São Paulo, onde se

diplomou em direito, em 1890. Poeta,

prosador, tradutor, jornalista e jurista,

consultor, viveu em repêndante atividade,

conhecendo as agruras da vida

em todos os seus gêneros. Amigo de

Mendes Pimentel, Ardulmo Bollaer,

Esquivam de Oliveira, Antonio Sales,

fôl companheiro de Belmonte Braga,

de quem prefatoou Montezinas. Fum-

dou em Carangola, onde exerceu a ad-

vocacia, "O Rebate", colaborando nos

jornais de Juiz de Fora e do Rio, prin-

cipalmente no "Correio da Manhã", no

qual deixou as "Cartas de um mon-

tanhes". Em sua juventude, dedicou-

se à poesia com entusiasmo. Prefato-

os sonetos, entre os quais alguns sur-

giram com apurada forma. Foi, aci-

ma de tudo, jurista, e jurista de

raça, muito bem informado da evolu-

ção do direito e da jurisprudência. Pouco antes de falecer, já

doente, escreveu uma rapidíssima comédia, gênero infantil. Certa

inteligência levou-o a conhecer o banco dos réus. Obtida a absol-

vição que foi unânime, receberam do povo carangolense variedades

apoteose. Sensibilidade delicadíssima, valor autêntico, não resis-

tiu às angústias por que passara, muito embora cercado da estima

e da consideração de amigos eminentes que soubera granjear em

todos os lugares em que viveu. Sua morte aos 37 anos de idade

despertou profundo pesar. Belmonte Braga, que era seu grande

e fervoroso amigo eburnizou-lhe o nome na cadeira que fundou

na Academia.



Batista Martins